

# Estação Atocha



Ben Lerner

# Estação Atocha

ROMANCE

*Tradução de Gianluca Giurlando*



Copyright© 2011 by Ben Lerner. First published in the United States  
by Coffee House Press, Minneapolis, Minnesota.

TÍTULO ORIGINAL

Leaving the Atocha Station

TRADUÇÃO

Gianluca Giurlando

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Rádio Londres

PREPARAÇÃO

Shirley Lima

REVISÃO

Marcela Lima

Marcela de Oliveira

Elisa Menezes

FOTO DE CAPA

Cultura RM/Justin Officer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Lerner, Ben

Estação Atocha / Ben Lerner ; tradução Gianluca  
Giurlando. – Rio de Janeiro : Rádio Londres, 2015.

Título original: Leaving the Atocha Station.  
ISBN 978-85-67861-04-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-00109

CDD-813

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Rádio Londres Ltda.

Rua Senador Dantas, 20 — Salas 1601/1602

20031-203 — Rio de Janeiro — RJ

[www.radiolondreseditores.com](http://www.radiolondreseditores.com)

1



A fase inicial do meu projeto de pesquisa envolvia acordar nos dias de semana num apartamento de sótão que mal tinha móveis – o primeiro que vira ao chegar em Madri – ou deixar que o barulho proveniente da Plaza de Santa Ana me acordasse, sem conseguir incorporá-lo completamente aos meus sonhos, depois colocar a cafeteira enferrujada no fogo e enrolar um baseado enquanto esperava o café. Assim que o café ficava pronto, abria a claraboia, que era grande o suficiente para eu conseguir me enfiar nela depois de ter subido na cama, e ia beber o café e fumar no telhado que dava para a praça onde os turistas, armados com guias de viagem, sentavam às mesinhas metálicas e o tocador de acordeão praticava seu ofício. Ao longe, o palácio e os longos rastros das nuvens. Depois, o projeto exigia que eu voltasse para dentro, descendo pela claraboia, cagasse, tomasse banho, engolissemos os comprimidos brancos e me arrumasse. Então encontrava minha bolsa, que continha uma edição bilíngue da *Antologia poética* de Lorca, dois cadernos, um dicionário de bolso, os *Selected Poems* de John Ashbery e remédios, e saía rumo ao Prado.

Do meu apartamento, pegava a Calle de las Huertas, acenava para os garis de uniforme verde-limão, cruzava o Paseo del Prado, entrava no museu, que, graças à minha carteirinha de estudante, custava apenas dois euros, e ia direto para a sala 58, onde ficava plantado diante da *Deposição da Cruz*, de Rogier van der Weyden. Normalmente chegava à frente do quadro uns quarenta e cinco minutos depois de ter acordado, de modo que, enquanto observava as figuras de tamanho quase natural e esperava o equilíbrio chegar, o haxixe, a cafeína e o sono ainda estavam competindo pelo controle do meu organismo. Maria se detém num desmaio que parece eterno; os tons de azul de sua túnica são únicos na pintura flamenga. Sua postura é um reflexo quase exato da de Jesus, cujo corpo é segurado por Nicodemus e um ajudante, como se não pesasse nada. C.1435; 220 x 262 cm. Óleo sobre painel de carvalho.

Um divisor de águas no meu projeto: certa manhã, eu me aproximei do van der Weyden e logo percebi que alguém tinha tomado o meu lugar. O sujeito estava no ponto exato em que eu sempre ficava e, por um instante, me vi atônito, como se estivesse olhando um clone meu mais magro e mais escuro olhando o quadro. Esperei que o homem prosseguisse, mas ele se deteve. Perguntei-me se ele tinha me observado enquanto eu contemplava a *Deposição* e se agora estava na frente do quadro na expectativa de ver o que quer que fosse que eu devia ter visto. Fiquei irritado e tentei encontrar outras telas para cumprir meu ritual matutino, mas estava acostumado demais com as proporções e os azuis do quadro para me contentar com um substituto. Estava prestes a sair da sala 58 quando o homem de repente caiu num choro convulsivo, acompanhado por violentos soluços. Será



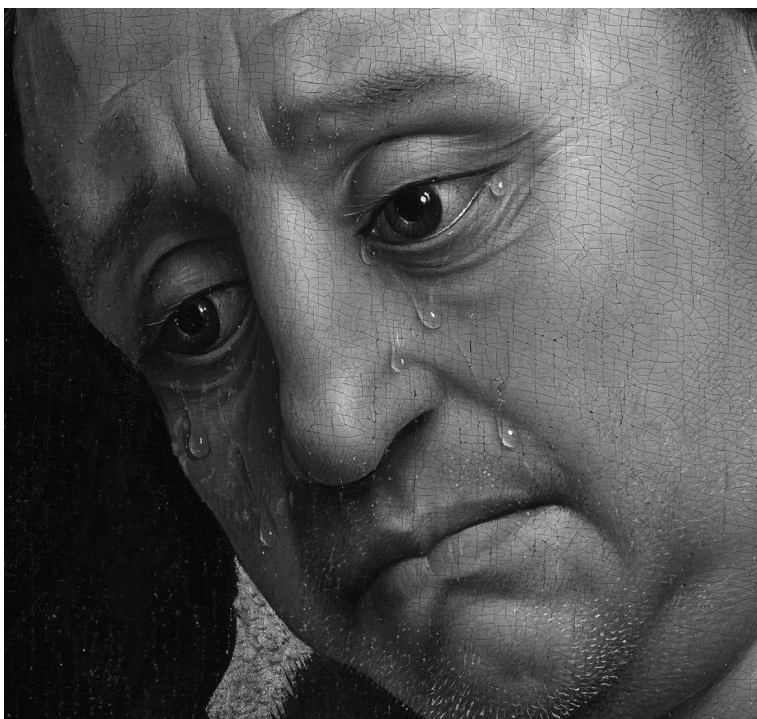
que ele estava encarando a parede só para esconder o rosto enquanto enfrentava a dor que tinha trazido para o museu, qualquer que ela fosse? Ou talvez estivesse passando por uma *profunda experiência artística*?

Por muito tempo, eu convivera com a preocupação de que era incapaz de passar por uma profunda experiência artística e me custava acreditar que alguém mais fosse, pelo menos entre os meus conhecidos. Nutria profundo ceticismo a respeito das pessoas que alegavam que um poema ou uma música tinham “mudado a vida delas”, especialmente porque, observando-as antes e depois dessa experiência, não conseguia detectar a menor mudança. Embora quisesse dar uma de poeta e apesar de ter ganhado minha bolsa de estudos na Espanha graças ao meu suposto talento literário, eu só conseguia apreciar a beleza dos versos quando os encontrava citados em trechos de prosa, nos ensaios que os professores da faculdade me mandavam ler, com as barras substituindo as quebras de linha, de modo que o que me impressionava não era um poema em particular, mas o eco de uma possibilidade poética. O que realmente me interessava na arte era a desconexão entre a minha percepção das obras de arte físicas e as alegações feitas em nome delas. A sensação mais próxima de uma profunda experiência artística que eu tivera talvez tenha sido a vivência dessa desconexão, uma profunda experiência da ausência de profundidade.

Assim que se acalmou, o que levou pelo menos dois minutos, o homem secou o rosto e assoou o nariz com um lenço que depois guardou no bolso. Ao entrar na sala 57, que estava vazia a não ser pela presença de um guarda longilíneo, meio desengonçado e com ar sonolento, o sujeito caminhou diretamente até uma pequena imagem votiva de Cristo atribuída a São Leocádio: túnica verde,

roupas vermelhas, expressão de profunda dor. Eu fingi que observava os outros quadros, mas, de vez em quando, olhava pelo canto de olho para o homem que fitava as pequenas telas. Por um minuto, que pareceu uma eternidade, ele permaneceu em silêncio e depois deixou escapar outro soluço. Isso alarmou o guarda e nossos olhares se cruzaram: o meu comunicando que a mesma coisa tinha acabado de acontecer na outra sala, o do guarda evidenciando uma luta interior para determinar se o homem era um louco – talvez o tipo de homem que poderia danificar um quadro, cuspir nele, arrancá-lo da parede ou arranhá-lo com uma chave – ou se estava passando por uma profunda experiência artística. De novo apareceu o lenço, e o sujeito dirigiu-se calmamente para a sala 56, parou na frente do *Jardim das Delícias Terrenas*, contemplou-o por um longo momento e então desabou por completo. Agora havia três guardas na sala: o desengonçado da 57, a mulher baixinha que sempre vigiava a sala 56 e um guarda mais velho, de cabelão esquisito e prateado, que devia ter ouvido os soluços do corredor. Os poucos visitantes presentes na sala 56 estavam tão absortos em seus audioguias que nem ao menos se deram conta da cena que se desenrolava diante do Bosch.

Qual é o papel de um guarda de museu? – pensei comigo mesmo. O que é, de fato, um guarda de museu? Por um lado, ele faz parte de uma força de segurança encarregada de proteger objetos inestimáveis dos loucos, das crianças ou da lenta força corrosiva dos flashes das câmeras. Por outro, ele vive entre supostos triunfos do espírito humano, e talvez a única fonte de prestígio de sua posição seja justamente a convicção de que tais triunfos poderiam facilmente comover um homem às lágrimas. Havia um certo *pathos* na indecisão dos guardas, guardas que passam



*Por um momento, pensei no grande artista.*

a maior parte da própria vida na frente de quadros eternos, mas a quem as pessoas apenas perguntam que horas são, quando o museu vai fechar e *dónde está el baño*. Não pude partilhar da crise emocional do homem, se era disso que se tratava, mas o dilema dos guardas me tocou: deveriam pedir ao sujeito que os acompanhasse até o corredor para tentarem avaliar seu estado mental, sem dúvida arruinando sua profunda experiência, ou deveriam correr o risco de deixar esse desequilibrado em potencial solto entre os tesouros da cultura deles, sem dúvida pondo em

risco, entre outras coisas, seus empregos? Achei a representação silenciosa dessas tensões mais comovente do que qualquer *Pietá*, *Deposição* ou *Anúnciação*, e me senti como um deles enquanto seguíamos o homem de galeria em galeria. Talvez ele seja um artista, pensei; talvez nem esteja emocionado de verdade, mas só atuando, e sua encenação tenha o objetivo de obrigar a instituição a enfrentar as próprias contradições internas, das quais os guardas eram um bom exemplo. Estava pensando algo assim quando o homem, após o enésimo ataque de choro, encaminhou-se com calma à saída principal do museu. Os guardas se dispersaram – pareceu-me – mais com tristeza que com alívio, e eu me vi caminhando atrás dele, desse grande artista, para fora do museu, em direção à luz do dia, que, de tão intensa, não parecia natural.

Nos finais de semana da primeira fase do meu projeto de pesquisa, Jorge, o professor de espanhol contratado pela fundação para ajudar os bolsistas a passar rapidamente do conhecimento avançado ao domínio completo do idioma, me levava de carro para um camping que ficava a quarenta minutos de Madri, aonde ele costumava ir com os colegas da escola de línguas para fumar maconha, beber, nadar e conversar. Chamavam-me de *El Poeta*, nunca entendi bem se com escárnio ou carinho. Era eu quem comprava a maior parte da cerveja e também me abastecia de maconha do Jorge, que me cobrava preços exorbitantes. O lugar em si não era nada especial: uma clareira com uma ou duas covas para fazer fogueira, bastante lixo, embora nunca tivesse notado alguém naquela área além de nós, que tínhamos o cuidado de limpar tudo. Ficava a apenas trinta metros de uma lagoa. Geralmente a temperatura era amena o

suficiente para dormirmos do lado de fora. Quase ninguém me dirigia a palavra enquanto ficávamos sentados ao redor da fogueira, bebendo ou fumando meu haxixe, ou a erva mais potente que Jorge reservava para a noite. Raramente eu abria a boca, embora tentasse sorrir, querendo dar a impressão, com aquele sorriso, de que conseguia acompanhar a conversa, deixando-o flutuar como se estivesse reagindo aos discursos deles.

Uma noite em que eu estava particularmente chapado, percebi pouco a pouco que Jorge estava me chamando, bruscamente, pelo meu nome, e não de *El Poeta*, enquanto os outros me olhavam fixamente, incrédulos e com expressão de raiva. Depois me dei conta de que eu tinha exibido meu sorriso, sem prestar atenção enquanto Isabel, uma amiga de Jorge, contava o que devia ser uma história trágica, ou talvez estivesse fazendo uma confissão dolorosa, ao menos a julgar pelo tom de sua voz e pelas lágrimas em sua face, que brilhavam à luz das chamas. Levou um bom tempo para eu conseguir mudar de expressão e tirar o sorriso do meu rosto, sorriso que foi interpretado como reação minha à mágoa de Isabel. Naquela ocasião particular, resolvi fazer uma rara tentativa de improvisar um discurso: não tinha entendido, tentei dizer, ou não tinha escutado; mas o que quer que eu tivesse balbuciado soou completamente ininteligível, talvez nem mesmo fosse espanhol. Só precisava dizer que estava chapado demais, perdido em meus pensamentos, que sentia muito se Isabel tinha achado que eu estava rindo dela ou da sua história. O problema era que eu não tinha a menor ideia de como comunicar tudo isso ou qualquer outra coisa. E, como se não bastasse, o sorriso reapareceu na minha cara automaticamente enquanto, imagino, os outros comentavam o quanto era doentio reagir daquela

forma ao que quer que Isabel tinha acabado de contar. Então, Miguel, o amigo de Jorge que talvez fosse parente de Isabel ou apaixonado por ela, jogou contra mim uma lata de cerveja do outro lado da fogueira e me intimou a apagar aquele sorriso do rosto, se é que essa expressão existe na Espanha. Involuntariamente, comecei a dar risadinhas, risadinhas nervosas, só que, para meu horror, meus risos não soaram nada nervosos, insultando, de uma forma ainda pior, Isabel, que agora cobria o rosto com as mãos. Ela se levantou, afastou-se da fogueira e caminhou em direção à lagoa, seguida por mais duas garotas da nossa turma, enquanto Miguel se aproximou de mim e me encarou de cima a baixo, ameaçando só Deus sabe o quê. Jorge o segurou. Dessa vez ao menos consegui falar sinto muito, sinto muito, mas Miguel se soltou, ou talvez Jorge o tenha soltado, e deu um soco na minha boca.

Não foi uma porrada particularmente forte, mas eu achei melhor ficar deitado no chão, como que nocauteado. Miguel estava berrando comigo, e a confusão chamou a atenção de Isabel e das amigas, que voltaram da lagoa. Ele deixou que Jorge o afastasse de mim e se acalmou um pouco. Senti o gosto de sangue na boca, que estava só levemente ferida, e mordi com força para tornar o corte mais profundo e parecer mais grave, de modo a suscitar compaixão suficiente para compensar o dano que meu sorriso havia causado. Enquanto cobria o rosto com as mãos e me contorcia como se sentisse muita dor, aproveitei para espalhar bem o sangue e, quando me levantei e a luz da fogueira me iluminou, Isabel surtou e falou mãe do céu, meu Deus. No silêncio que se seguiu, levantei e caminhei até a lagoa para lavar o rosto. Depois de alguns minutos, ouvi alguém pisar na grama seca: era Isabel.

“Sinto muito”, disse ela.

“Não, eu é que sinto muito”, falei. “Não entendi nada da história que você contou antes”, devo ter dito, “meu espanhol é muito ruim, fico nervoso”.

“Seu espanhol é bom”, elogiou ela. “Como está seu rosto?”

“*Meu rosto é bom*”, respondi, fazendo-a rir. Ela soltou os cabelos, pegou o lenço que estava amarrado neles, e o usou para limpar o resto do sangue, depois o mergulhou e o torceu para secar a água. Começou a falar algo sobre a lua, o efeito da lua na água, ou talvez tenha justificado o comportamento de Miguel e o clima dramático da noite com o fato de que a lua estava cheia, embora não estivesse. Seus cabelos eram compridos, talvez mais compridos do que os do guarda. Depois talvez tenha contado que costumava nadar na lagoa quando era criança, ou que a lagoa a lembrava de quando era criança, ou talvez tenha me perguntado se eu gostava de nadar quando era criança, ou pode ser que tenha falado que o que ela acabara de dizer sobre a lua soava muito pueril. Em seguida, ela me perguntou se eu conhecia um poema de Lorca, desta vez mencionando algo que tinha a ver com várias cores e que fez vibrar suavemente seus erres, uma coisa que eu não conseguia fazer. Ofereceu-me um cigarro, olhamos a água, e eu fiquei sóbrio.

Queria saber por que ela havia chorado antes e consegui me expressar principalmente repetindo as palavras “fogueira” e “antes”. Ela hesitou por um longo momento e depois começou a contar. Contou algo sobre uma casa, mas, se ela quis dizer no sentido figurado de lar ou no sentido literal de edifício, eu não consegui entender. Ouvi nomes de ruas e de meses, uma lista de coisas que achei que fossem livros ou músicas; tempos difíceis ou tempo ruim no sentido meteorológico, época, tio, mudança,

uma analogia que tinha algo a ver com o verão, algo sobre comprar e/ou destruir um carro de cor vermelha. Baseando-me no discurso dela, compus várias histórias plausíveis, todas de improviso, de modo que o meu não era tanto um não entender, mas um entender por acordes, através de uma pluralidade de mundos possíveis. O tio tinha morrido exatamente um ano antes em um acidente de carro, numa rodovia perto de Salamanca; durante o verão ela havia internado o namorado, viciado em drogas, numa clínica de reabilitação, e agora ele não queria mais falar com ela e tinha se mudado para Barcelona; a casa dos pais, que moravam numa cidade pequena do interior, estava prestes a ser penhorada, e ela havia vasculhado as caixas cheias de brinquedos da sua infância; tinha rompido com o irmão ou irmã por causa de uma briga sobre a guerra. Essa capacidade de ficar suspenso entre vários possíveis referentes, de deixá-los interferir uns nos outros para depois se separarem como ondas, de abandonar a lei do terceiro excluído enquanto escutava as palavras em espanhol – tudo isso representava um passo decisivo no meu projeto, uma mudança de fase. Fiquei calado, tentando imitar a expressão de São Leocádio.

Do Prado, costumava caminhar até um pequeno café que se chamava El Rincón, onde comia um sanduíche, apenas pão e *chorizo*, e onde eu era a única pessoa que comia, a menos que houvesse algum turista, porque para os espanhóis não estava nem perto do horário do almoço. Depois, caminhava por algumas quadras até o Retiro, o parque principal da cidade, achava um banco, tirava da bolsa os cadernos, o pequeno dicionário, o Lorca, e ficava chapado.



Se fazia sol e se eu acertava a proporção correta de haxixe e tabaco, se havia outras pessoas ao meu redor, mas a certa distância, de modo que eu as ouvisse conversar, mas sem entender em qual idioma, uma pequena onda de euforia se espalhava dentro de mim. Ainda restavam horas e horas de luz, para os espanhóis nem era tarde; ainda sobravam meses e meses do meu projeto de pesquisa, que tinha acabado de começar. No entanto, a bolsa de estudo não continuaria para sempre, e eu sabia que, numa data predeterminada, voltaria para a minha vida de antes, um pouco mais interessante aos olhos dos outros em virtude da minha estada no exterior, provavelmente mais magro, mas, de resto, a mesma pessoa. Em Madri, eu não precisava estabelecer uma existência além da simples rotina cotidiana, não precisava me preocupar com a construção de um círculo de amigos íntimos, o que quer que isso significue. Tinha à disposição o dia infinito, meses e meses de dias infinitos, mas a data da minha volta impunha um limite nessa sensação de ilimitabilidade e evitava que se tornasse ameaçadora. Começava a sentir um entusiasmo que eu julgava ser amor, primeiramente pelas coisas próximas: as andorinhas, se é que eram andorinhas mesmo, saltitando na poeira, as avenidas com as árvores típicas do Velho Mundo, as estátuas de pedra dos reis e das rainhas ao lado das quais os turistas posavam, amor pelo brilho ofuscante do Estanque, a lagoa artificial do parque. Amor por Topeka: o falcão em cima do poste telefônico, o homem acriançado com a pistola de sinalização enfiada nas calças do macacão, o dedo arrancado pela tartaruga mordedora ou pelos fogos de artifício; amor pelo valentão de pescoço barbudo, um amor que só uma mãe pode sentir. Amor por todas as minhas babás, todas menos James; amor pelo lutador que caiu da torre d'água, de onde havia tentado

se exibir. E depois por Providence: a deslumbrante descoberta da literatura, cheirar as carreirinhas de só Deus sabe que remédio com os obscuros filhos das estrelas, emergir de um túnel depois de dormir e encontrar-se frente a frente com Nova Iorque, a redefinição do conceito de “rico”, amor pelos livros de poemas não lidos, por Cyrus e pelas nossas caminhadas. Mas, acima de tudo, amor por *aquela outra coisa*, a tela fonoabsorvente, a máquina branca da vida, as sombras se juntando em segundo plano, embora essa seja uma descrição muito aproximada, amor pela própria substância do *et cetera*.

Eram esses os dias em que eu trabalhava no que chamava de tradução. Abria a edição bilíngue de Lorca ao acaso, transcrevia o texto da página ímpar, em inglês, no primeiro caderno e começava a inserir umas variantes, substituindo uma palavra pela primeira palavra à qual a associava e/ou misturando a ordem das linhas. Depois fazia qualquer alteração que essas variantes me inspirassem. Outras vezes pesquisava a palavra espanhola correspondente à palavra inglesa que queria substituir e depois a substituía por uma palavra com um som parecido (“Debaixo do arco do céu” ficava “Debaixo do arco do *cielo*” e depois se tornava “Debaixo do arco do violoncelo”). Então entrelaçava os fragmentos da prosa que tinha no segundo caderno com as traduções assim produzidas (“Debaixo do arco do violoncelo/ Eu abro o Lorca ao acaso”, e assim por diante).

Mas, se o céu estava encoberto e as proporções estavam erradas, se havia gente demais ou se o parque estava deserto, um abismo se abria dentro de mim enquanto fumava. Agora a tarde se tornava espantosamente ilimitada; não seria mais hoje à noite ou o dia seguinte na sala 58, e o prata e o verde se escoavam da paisagem. Não tinha

coragem de abrir o livro. Era pior do que uma sensação angustiante; eu mesmo *era* a angústia, um adágio intocável para instrumentos de cordas; as distâncias internas se expandiam e se contraíam a cada respiração. Era como não ter conseguido acordar no momento certo de um pesadelo; agora você tinha de viver dentro dele, aguentá-lo. *Ele*, se é que posso falar assim, tivera a mesma sensação quando era criança e os pais o enviaram à colônia de férias; seu coração pareceu acelerar fortemente e parar por completo, ao mesmo tempo. Depois ele prendeu a respiração, petrificou-se, aterrorizado, expirou com força; criou-se um vácuo, como se uma janelinha tivesse quebrado a uma altitude de 10.000 metros. Um pouco daquela atmosfera cinzenta era sorvida para dentro dele, sentia-se perdido; tornava-se um sintoma de si mesmo. Reunia todas as forças para alcançar a bolsa, pegar o frasco, desatarraxar a tampa à prova de crianças, pousar a pílula amarela na língua, quebrá-la entre o dedo indicador e o polegar, e colocar os restos úmidos no fundo da boca. Então esperava e esperava, e finalmente os ângulos de sabe-se lá o quê se arredondavam. Ele se dava conta de que estava com calor, ou melhor, de que tinha estado com frio. Com as mãos, tocava o rosto e achava-os ambos alheios; este estava ainda gelado, aquelas estavam ficando quentes. Pensava nos telefones públicos perto do Estanque; podia usar o cartão telefônico; talvez um parente estivesse em casa, e ele pudesse conversar um pouco para desabafar. Mas eram sete ou oito horas mais cedo lá, todo mundo ainda estava dormindo. E que espécie de adulto, levando em conta que ele era um adulto, liga aterrorizado para a própria família, sem uma razão específica, como ele tinha ligado da colônia de férias quando era menino, implorando entre soluços para que alguém viesse buscá-lo. Começava a sentir um gosto estranho na

boca; sua saliva pertencia a outra pessoa; tinha nojo de engolir. Este, dizia a si mesmo num tom autoritário, é um sinal de esquizofrenia: o começo da fragmentação rápida da sua assim chamada personalidade; você vai ter que se internar. Podia sentir na pele a bata hospitalar. Quebrava um segundo comprimido, levantava-se, as pernas que nem pareciam as dele, e começava a caminhar na direção do portão principal. Os outros pedestres no Paseo del Prado o fitavam de forma estranha; ele tinha a clara sensação de que, quando passava, todo mundo parava e se virava para olhar; era difícil resistir à tentação de correr; ao se aproximar, sentia seu apartamento recuar; gargalhadas se erguiam de cada carro que passava. Saber que nada daquilo era real tornava a situação ainda pior.

Ele subia os seis lances da escada freneticamente, encontrava as chaves, deixava cair a bolsa no chão e se jogava na cama. Em seguida, enrolava-se inteiro nas cobertas. Enfim, *ele* dormia a minha *siesta*.

Na maioria das vezes, quando eu acordava da *siesta*, colocava a cafeteira no fogo e enrolava um baseado enquanto esperava o café. Quando ficava pronto, ligava o chuveiro e, assim que o jato ficava quente, entrava debaixo dele e tomava o café lá dentro, deixando a água diluir o *espresso* enquanto o bebia, e o vapor e a cafeína clarearem aos poucos minha mente.

Durante a primeira fase do meu projeto, estava convencido de que Madri inteira dormia durante a *siesta*, e caía no sono com a sensação de que estava me juntando ao resto da capital adormecida. Porém, mais tarde, fiquei sabendo que, de todas as pessoas que conhecia em Madri, eu era o único que realmente aproveitava essa hora para dormir.

Tanto fazia que eu tivesse traduzido bem no Retiro, ou que tivesse sugado a atmosfera cinzenta para dentro do peito, depois da *siesta* me sentia sempre do mesmo jeito, ou seja, não sentia absolutamente nada. A única diferença era que, quando tomava os tranquilizantes, dormia uma hora a mais. E se antes de dormir eu estivesse muito perturbado, sentia algo como uma leve fisgada química na parte de trás da boca. Conhecia essa sensação desde criança e tinha sempre achado que todo mundo sentia o mesmo, que era um conceito pelo menos tão universal quanto o sabor de cobre no sangue, e a ele ligado de alguma forma, no entanto, mais tarde, descobri que ninguém que eu conhecia tinha familiaridade com esse sabor, pelo menos não da forma que eu descrevia, ou seja, não especificamente como o inconfundível ressaibo de pânico. No meu país, não estava acostumado a cochilar, por isso a *siesta* subvertia dramaticamente meu senso de tempo, às vezes dando-me a impressão de que o dia ficava dobrado, de modo que me lembrar da manhã era como me lembrar de algo que tinha acontecido no dia anterior, outras vezes substituindo completamente a primeira parte do dia.

Depois de me secar e me vestir, acendia o baseado, tomava o resto do café e, se tivesse terminado a tradução no parque, digitava-a no meu laptop e a enviava por e-mail para Cyrus. Embora tivesse acesso à internet no meu apartamento, nos meus e-mails alegava que estava escrevendo de um cyber café e que meu tempo era limitado. Fazia o meu melhor para não responder à maioria das mensagens que recebia, pois achava que assim daria a impressão de que estava desligado, ocupado em acumular experiências, quando, na verdade, passava um bom tempo online, especialmente na segunda parte da tarde e no início da noite, assistindo a vídeos de coisas terríveis.

Após escrever para Cyrus, tentava ler *Dom Quixote* numa edição bilíngue, comia algo, geralmente *chorizo*, queijo curado, azeitonas e aspargos brancos direto do vidro, abria uma garrafa de vinho, abandonava o *Dom Quixote* e lia Tolstói em inglês – as obras principais desse autor estavam em promoção na Casa del Libro.

Meu plano era aprender a língua sozinho, lendo as obras-primas da literatura espanhola no original, e tinha fantasiado sobre a natureza e o efeito de um idioma aprendido dessa forma, sobre a maneira como seu sabor arcaico e sua retórica formalmente elevada colidiriam com os elementos mundanos da vida cotidiana, dando a impressão de alguém que vinha não de uma terra estrangeira, mas de uma época estrangeira. Imaginava-me sentado ao redor da fogueira exibindo minha fala esplêndida e sofisticada, depois de ter fumado a erva potente do Jorge, olhando para a cara dos outros enquanto se davam conta de que a dificuldade que eles tinham em me entender não dependia do meu sotaque ou da minha ignorância, mas da distância deles do próprio idioma na sua forma mais rebuscada. Eu me via do ponto de vista deles, uma vez dominada aquela língua sublime: dotado de uma aura, meu exemplo simbolizando algum poder latente ínsito no idioma deles, de modo que, a partir de então, até os meus silêncios pareceriam bem concebidos, eloquentes. Mas eu não conseguia me dedicar à prosa em espanhol, porque tinha de pesquisar tantas palavras que nunca captava de verdade a dinâmica de uma frase; ela continuava sendo um conjunto de partículas, nunca virava um todo. Não tinha paciência de reler o mesmo trecho muitas vezes até as palavras deixarem de ser meros pontos e formarem uma linha sólida. Cheguei a perceber que, mais do que qualquer enredo ou sentido convencional, para mim o

mais importante era o senso de pura progressão que eu sentia enquanto lia prosa, a estrutura do tempo passando, a máquina branca da vida. Até nas cenas mais dramáticas, como quando Natasha de repente está à cabeceira dele ou sei lá, o que me comovia não era o *pathos* daquele reencontro ou a morte dele, mas a ação das preposições, conjunções etc. O fluxo da escrita era mais fascinante do que os eventos descritos.

Ler poesia, e nem tenho certeza de que ler seja a palavra certa, era algo completamente diferente. A poesia repelia ativamente minha atenção, era obscura e concreta e se recusava a me assimilar. Seus artigos, suas conjunções e suas preposições não conseguiam se dissolver num sentimento ou numa velocidade; havia o risco de cair nos espaços entre as palavras, na tentativa de juntá-las; contudo, recusando-se a me assimilar, a poesia oferecia a possibilidade de uma forma mais elevada de assimilação, da qual eu não era digno; uma experiência tão profunda que era inalcançável do interior da vida danificada, e assim o poema se tornava emblema da sua forma exterior. Para mim, era muito mais fácil ler poesia em espanhol do que prosa espanhola porque os elementos obscuros, a hesitação e a incapacidade que participavam da tentativa de vivenciar o poema eram sensações familiares, era o que conferia a qualquer poema um poder negativo, sua impossibilidade de me emocionar me emocionava pelo menos um pouco; minha incapacidade de dominar ou de me deixar dominar pelo poema em espanhol era tão parecida com minha incapacidade de dominar ou de me deixar dominar pelo poema em inglês que eu acabava me sentindo, nesse aspecto, como um falante nativo. Então, depois de pôr de lado o *Dom Quixote*, comer, me masturbar e ler um pouco de Tolstói, levava o restante do vinho e uma antologia

de poesia espanhola contemporânea para o telhado e lia alguns poemas sob a pouca luz do dia que ainda restava.

Ao cair da noite, os turistas começavam a lotar a Plaza de Santa Ana. Viam-se alguns *madrileños* também, cumprimentando-se com beijos em ambas as faces, embora a maioria dos moradores locais saísse muito mais tarde. Ouviam-se vários idiomas, e o inglês americano ou australiano para mim eram os mais irritantes, além dos sons de cadeiras sendo arrastadas pela calçada, de talheres batendo nos pratos, de copos sendo recolhidos ou colocados nas mesas metálicas, e geralmente de um violinista sem talento, mas que não incomodava ninguém. Ao longe, passavam os aviões para Barajas, as luzes das asas lampejando lentamente, soltando rastros que, até a escuridão cair, mantinham uma tonalidade rósea. Imaginava que os passageiros conseguissem me ver, que eu mesmo era um passageiro que podia me ver enquanto olhava para cima a mim mesmo olhando para baixo.

Na primeira fase do meu projeto de pesquisa, não conhecia ninguém além de Jorge e dos amigos dele e, nos dias de semana, eles nunca me convidavam para sair; na verdade, nem sei bem como conseguiriam me convidar, já que eu encontrava Jorge só às sextas na escola de línguas. Eu não tinha telefone, e eles não sabiam onde eu morava. Como não havia comparecido a nenhum dos eventos organizados pela fundação, não conhecia ninguém que pudesse fazer comigo todas as coisas típicas que as pessoas fazem durante uma temporada em Madri: pular de barzinho em barzinho até cair de bêbado, em seguida chegar numa daquelas discotecas enormes e dançar, se é que se pode chamar aquilo de dançar, por horas e horas, ao



som de uma música techno horrorosa, enfim tomar um *chocolate con churros* e, de madrugada, arrastar-se até em casa. Essa parecia ser a rotina para muitas faixas etárias; com certeza, pessoas de várias gerações ficavam fora de casa até muito tarde; à meia-noite, as crianças ainda brincavam na praça; pessoas de meia-idade ficavam na rua bebendo até as primeiras horas da madrugada; eu não estava acostumado com esses horários e com tanto espaço público. Se por um lado me achava superior a essa multidão, por outro estava louco para participar de alguma forma, seja porque à noite morria de tédio, seja porque sentia uma inegável atração por aquele clima vulgar e libidinoso. É claro que não podia sentar sozinho na praça, embora visse homens fazendo isso, com os guias turísticos pousados ao lado das cervejas, nem podia me aproximar de um dos incontáveis grupinhos que passeavam para cá e para lá e pedir para me juntar a eles. No entanto, depois de um tempo, percebi que, contanto que caminhasse com o ar resolutivo de alguém que sabe para onde está indo, podia simplesmente sair do meu apartamento e entrar no fluxo da noite sem vergonha alguma.

Enrolava um ou dois baseados e os enfiava num maço de cigarros, bebia um copo d'água, escovava os dentes, descia as escadas do meu apartamento e saía. Enquanto cruzava a praça, eu me sentia como se estivesse observando a mim mesmo do telhado do apartamento. De lá de cima, via que estava andando rápido demais, então parava um instante, acendia um baseado ou um cigarro, e voltava a caminhar com passos menos frenéticos na direção de Puerta del Sol, que ficava no centro exato da cidade e que eu podia alcançar no intervalo de alguns minutos. Lá parava para decidir a qual lugar fingiria que precisava ir.

Na maioria das vezes, pegava a Gran Vía, onde as prostitutas já estavam na rua fumando na frente das lojas fechadas, no brilho difuso de um batom violeta ou laranja, e finalmente chegava a Chueca, um bairro prevalentemente gay e, de acordo com os guias, famoso pela agitada vida noturna, mas onde geralmente havia menos americanos. Durante aqueles meses, as ruas de Chueca ficavam tão apertadas e a praça tão cheia que era fácil posicionar-se de forma que as pessoas à sua direita acabavam achando que você estava com as pessoas à sua esquerda e vice-versa. O mesmo acontecia nos vários barzinhos lotados de gente; podia pedir uma bebida e ficar de pé com ar de entediado no meio do bar, e quem estava perto de mim achava que eu fazia parte da turma contígua; aliás, muitas vezes acontecia de um membro de alguma turma numerosa começar a conversar comigo, supondo que eu fizesse parte do grupo e que fosse um cara que ele ainda não havia tido a oportunidade de conhecer. No meio do barulho infernal, eu não conseguia ouvir quase nada, mas sorria e balançava a cabeça e às vezes levantava um pouco o copo enquanto me aproximava gradualmente do grupo do meu interlocutor, que aos poucos acabava por me incluir.

Foi assim que conheci Arturo, um divisor de águas no meu projeto. Estava numa boate abarrotada em Chueca, local alternativo, decoração marroquina, almofadas bordadas com lantejoulas por toda parte. Eu estava bebendo um *mojito* muito doce quando ele chegou e começou a cumprimentar as pessoas da turma ao redor da qual eu estava orbitando. Abraçou-me calorosamente depois de ter abraçado os outros e, já que eu estava próximo do bar, me perguntou se eu queria beber algo. Enquanto esperávamos o atendimento, ele perguntou como eu conhecera

fulano, que eu supus ser a pessoa que tinha organizado o encontro. Dei de ombros, como se quisesse dizer que todo mundo conhecia fulano. Depois me perguntou de onde eu vinha e menti: Nova Iorque. Ele disse que tinha acabado de voltar de lá ou que iria para lá dentro de pouco tempo. Fazer o quê, perguntei. Ele respondeu para assistir a um show de música ou para tocar num show de música, ou para participar de alguma performance artística. O que você está fazendo em Madri, ele indagou. Aí desembuchei uma versão da resposta que tinha decorado em Providence para a minha prova de espanhol, uma resposta longa e articulada, preparada por um amigo que falava castelhano fluentemente, algo que tinha a ver com a relevância da Guerra Civil Espanhola – sobre a qual eu não sabia absolutamente nada – para uma geração de escritores, poucos dos quais tinha lido. Tinha a intenção de escrever, expliquei, uma longa composição poética inspirada em fatos históricos que explorasse o legado literário da guerra. Era uma resposta de considerável complexidade gramatical que descrevia a importância do meu projeto fazendo amplo uso do futuro do pretérito, do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do presente. Para minha surpresa e incômodo, essa resposta despertou o interesse de Arturo, que começou a me bombardear de perguntas: conhece tal professor ou tal poeta, já visitou tal museu ou tal arquivo? Não consigo ouvir quase nada nessa boate, respondi. Ele pediu duas cervejas e, assim que foram servidas, me fez sinal para segui-lo até o lado de fora.

Lá fora acendemos um cigarro e, antes que ele tivesse a chance de recomeçar a fazer perguntas, apressei-me a dizer: não falo espanhol muito bem. Consigo ler muito bem, menti, mas não falar. Ele riu e perguntou se eu conhecia fulano e beltrano, e, quando falei que não, ele disse todo

empolgado que tinha de me apresentar. Você é muito gentil, eu continuava a repetir, o que ele achou hilário. Todas as pessoas estilosas que passavam perto de nós cumprimentavam-no. Ele me explicou que era dono de uma galeria em Salamanca, o bairro mais chique da cidade, ou talvez tenha falado que trabalhava nela e que sabe-se lá o irmão ou o namorado era um fotógrafo famoso ou vendia fotografias famosas ou era um operador de câmera muito conhecido. Disse que a sua galeria era um ponto de encontro para poetas onde se organizavam leituras públicas de poemas, depois começou a falar minuciosamente, em termos que eu mal conseguia acompanhar, sobre seu amor pela poesia e, além da menção obrigatória a Lorca, enumerou vários poetas espanhóis dos quais eu nunca tinha ouvido falar. Depois de ter anotado um número de celular no verso, ele me deu o cartão de visita da galeria, então colocou o braço em volta de mim e me acompanhou de novo até o pessoal que estava dentro da boate. Lá, todo mundo achou que eu fosse um amigo de Arturo, trocamos nomes e cumprimentei com dois beijinhos no rosto as duas garotas que estavam mais próximas de mim, Teresa e Ester. Arturo mergulhou logo noutra conversa, e eu aproveitei para escapulir até o bar e pedir mais um *mojito* e, a partir daquele momento, cada vez que achava que poderia ser chamado para conversar, me escondia perto do bar. Às vezes perguntava aos outros se alguém queria uma bebida, comunicava isso principalmente apontando para meu copo ou para o deles e arqueando as sobrancelhas. Ester sumiu logo depois, mas acabei comprando vários *mojitos* para Arturo e Teresa, e foi só quando me vi descrevendo com entusiasmo meu projeto para Teresa que me dei conta de que tinha bebido demais.

Preciso de ar, eu disse, e saí da boate, que parecia rodar lentamente. Minha intenção era voltar para casa a pé e

perder os sentidos. Enquanto estava escorado na parede da boate criando coragem para a caminhada, fiquei surpreso ao encontrar Arturo e Teresa ao meu lado me perguntando se eu estava bem. Sim, respondi, endireitando-me abruptamente, o que levou de novo às vertigens, intensificando-as. Percebi que estava prestes a vomitar. Atravessei a rua onde havia menos gente e uma lixeira e, momentos antes de alcançá-la, vomitei. Quando terminei, levantei-me e notei que eles ainda estavam do outro lado da rua me esperando. Teresa fumava, e Arturo, sorridente, me oferecia uma garrafinha de água. Atravessei, lavei a boca, bebi um pouco da água e agradei a Arturo. Estamos indo para outra festa de carro, ele disse, vamos aproveitar para te deixar em casa.

No carro, não tive coragem de dizer a Arturo que eu morava a apenas dez minutos a pé de lá, mas, no fim, nem precisei dizer nada; o baseado que Teresa acendeu e passou para mim produziu na minha garganta uma espécie de cone de calor intenso, que em seguida migrou para meu peito, de onde se espalhou pela caixa torácica. Percebi que minha língua estava dormente, ou pelo menos estava formigando, e que eu não conseguia lembrar o nome da rua onde morava, uma situação que achei espantosa e hilária ao mesmo tempo. Virei a cabeça, observei as luzes desfilando à nossa passagem e fiquei encantado, então percebi que estava falando tudo isso em voz alta e em inglês, que vários minutos haviam se passado e que eu estava listando tudo que me parecia maravilhoso enquanto avançávamos: postes de luz, fontes, os plátanos, se é que era isso que eles eram. Se, por um lado, durante a primeira fase do meu projeto eu falava espanhol muito raramente, por outro, pouquíssimas vezes tinha a oportunidade de usar meu inglês, que começou

a jorrar livremente de minha boca enquanto saíamos da cidade e pegávamos a rodovia. Arturo e Teresa haviam decidido me levar com eles para a festa, ou pode até ser que eu tivesse pedido. Com uma eloquência e um ritmo que achei extraordinários, descrevi Cyrus dando comida aos morcegos ao amanhecer em Providence e contei sobre a imagem de mim mesmo do telhado; elaborei uma espécie de teoria geral da poesia, o mais defunto de todos os veículos de comunicação, em cadências que aceleravam e desaceleravam de uma forma tão comovente que me convenci de que Arturo e Teresa se sentiriam na obrigação de reconhecer minha profundidade, uma obrigação ainda maior porque não me compreendiam, à exceção dos ocasionais cognatos; eles vivenciariam o rítmico desdobramento dos meus pensamentos sem serem distraídos por pensamentos específicos. Eu estava usando a linguagem da gramática pura e universal e sugerindo, ao mesmo tempo, uma forma mais elevada de música; ao me escutar, fiquei encantado com a bela composição sonora do meu inglês, as pequenas mudanças fonéticas soando como notas tocadas pelas semivogais e as consoantes fricativas, e essas imperceptíveis variações acústicas criavam sutis representações de cada coisa que as palavras denotavam, enquanto a linguagem se tornava a experiência que eu estava descrevendo. A certa altura, desmaiei.

Estacionamos junto com muitos outros carros em um longo caminho de acesso circular; Arturo e Teresa estavam conversando sobre algo. Teresa brincava com os cabelos do Arturo e o chamava de *Arturito*. Estávamos na frente de uma casa ostentadamente moderna, baixa, ampla, toda feita de pedras brancas e hectares de vidraçaria. Cruzei olhares com Teresa através do espelho retrovisor, e ela perguntou como eu estava. Arturo abriu a porta, e descemos

do carro; perguntei onde estávamos, e ele respondeu, na casa do meu namorado. Teresa entrou na casa de braços dados comigo – se isso era por ironia, porque eu era um americano idiota e bêbado levado para a festa só de brincadeira, ou porque ela sentia carinho por mim depois do meu comportamento excêntrico no carro, eu não sabia dizer, mas, ao menos, podia esperar que fosse a segunda hipótese. Enquanto entrávamos, tive que me lembrar de respirar. Só havia gente bonita na enorme sala com carpete branco, móveis minimalistas e quadros enormes pendurados nas paredes perfeitamente iluminadas. Várias pessoas nos cumprimentaram, e Teresa se afastou de mim para beijá-las. De repente, eu me dei conta de que não era atraente o bastante para aquele tipo de ambiente; felizmente tinha uma estratégia para situações semelhantes, desenvolvida durante várias visitas a Nova Iorque com os obscuros filhos das estrelas: abria meus olhos mais do que o normal, como se estivesse olhando para um ponto específico, arqueava as sobrancelhas e deixava que minha boca se enroscasse num esboço de sorriso. Uma vez conseguida essa expressão, eu a mantinha; ela comunicava um ceticismo permeado de certa familiaridade, um senso de tédio que seria completo, se não fosse por um vago interesse antropológico por aquilo que estava ao meu redor, uma expressão que continha certa dose de desprezo que eu esperava ser interpretado como político, no sentido de sugerir que, depois de uma noite frívola, eu voltaria para a linha de frente de alguma luta que tornaria absolutamente irrelevante qualquer experiência que eu tivesse na companhia dessas pessoas. O objetivo da expressão era fazer meus defeitos parecerem uma escolha deliberada e infundir na falta de estilo dos meus cabelos e na minha roupa fora de moda a força de um protesto; eu era um

personagem à parte daquela vida que já havia conhecido e rejeitado, e agora estava de volta como um embaixador proveniente de uma realidade mais imediata e justa.

Teresa me pegou pelo braço e me levou até um bar em um canto daquela sala enorme. Depois de ter preparado nossos drinques, acompanhou-me para um vasto pátio com outro bar e com uma piscina em formato de gota, difusamente iluminada e com ladrilhos azuis no fundo, onde mais gente bonita, inclusive algumas garotas de *topless*, estava tomando banho. Enquanto me esforçava para manter meu *look* estratégico, Teresa me arrastou até um jardim decorado com pedras que ficava além da piscina, onde outro pequeno grupo de pessoas se juntara em volta de um cara que tocava violão e cantava, este sentado num banco de pedra, aquelas acoradas no chão, Arturo já entre eles. Sentamo-nos.

A partir daquele instante, começou uma luta entre a música e meu rosto. Inicialmente fiquei irritado e me senti quase ameaçado pelas expressões extasiadas do público, rostos que mostravam um envolvimento tão completo que me recusei a acreditar que fosse sincero, rostos propositalmente dispostos a sugerir uma ideia de mundo interior rico, rostos que convidavam os outros a admirar o alheamento deles a respeito do próximo. Os homens tinham a tendência de olhar para baixo; as mulheres, levemente para cima; aqueles absortos numa dolorosa concentração, estas encantadas, meio sorrindo, mas beirando as lágrimas. Todos pareciam tomados por uma profunda experiência artística. Vários baseados circulavam entre esses mundos privados, e eu estava ficando chapado de novo, perdendo a coordenação dos músculos faciais. Meus olhos ainda estavam arregalados, só que agora excessivamente, e não restava quase nada do



esboço de sorriso e, com ele, se esvaiu qualquer sugestão de afastamento.

Enquanto tentava retomar o controle da minha expressão, comecei a ouvir a música, ouvi-la como se fosse dirigida a mim, e não só como pretexto para posar. Ele era, sem dúvida, um ótimo cantor, seu controle e sua extensão evidenciavam longos anos de estudo, não que eu entendesse muito, e tocava o violão com uma técnica hábil e discreta, fazendo-me pensar num intérprete que não sentia a necessidade de competir consigo mesmo. Tomava o cuidado de não levantar a voz ou deixar que ficasse apenas mais alta por si mesma, e tinha uma cadência delicada com um fraseado que oscilava entre fala e canto, mundanismo e sofrimento, a melodia ficando mais intensa para depois se dissolver. As letras eram compostas quase exclusivamente de vogais, e decorreu um bom tempo até eu entender que ele não cantava em espanhol, e sim em português, de modo que vivenciei o lento diluir-se de um idioma no outro, um efeito poderoso que só foi possível graças à minha ignorância de ambos. Enquanto escutávamos, o dia desfilou diante dos meus olhos, mas não apenas o dia: o passeio, a boate, o telhado do meu apartamento, eu olhando do avião para mim mesmo em cima do telhado, o embarque no avião em Nova Iorque, a partida de Providence, a chegada a Providence quando tinha 18 anos, e tudo o mais, voltando no tempo até a *Bright Circle Montessori* e ao meu pai gentil mas insistente, que me convencia a sair do carro. De repente percebi que Teresa estava brincando com meus cabelos, como tinha brincado com os de Arturo, e olhando para ela senti uma espécie de perturbação que não soube definir. Levantei, depressa mas silenciosamente, e deixei o grupo, afastando-me ainda mais da casa e da festa, entranhando-me na

escuridão até uma cerca de madeira que marcava o fim da propriedade e o início de um declive, com algumas luzinhas visíveis lá embaixo.

Não sentia mais nada enquanto fumava e me virava para olhar em direção ao grupo e notava que alguém, talvez Teresa, estava vindo na minha direção, a brasa do cigarro desenhando pequenos círculos no ar enquanto caminhava, o som do gelo tilintando no seu copo à medida que ela se aproximava, e, com apreensão, me dei conta de que ela esperava me encontrar mexido, muito comovido e que era assim mesmo que eu tinha que me mostrar a ela para justificar meu afastamento repentino dos outros. Virei-me para a cerca, lambi as pontas dos dedos e passei o cuspido debaixo dos olhos para parecer que eu tinha chorado, repetindo essa operação até ter certeza de que a minha pele estava suficientemente molhada para refletir a luz ou pelo menos para que meu rosto se revelasse úmido ao toque. Era mesmo Teresa, cantarolando a música enquanto se aproximava. Ao chegar, ela me perguntou docemente se eu estava bem, se havia algo que estava me incomodando. Nada não, respondi, mas num tom que eu esperava que exprimisse que dentro de mim se abria um abismo incomunicável. Ficamos lado a lado olhando para o declive e, sentindo que ela esperava que eu dissesse algo, falei: estou passando por um momento difícil. Foi uma coisa muito estúpida de dizer, mas foi a única frase suficientemente carregada de mistério que consegui formular. Por quê?, perguntou ela, pegando-me de surpresa. Tentei modular meu silêncio de modo que lhe dissesse não que eu não me sentia à vontade para me abrir com ela, e sim que eram mesmo as minhas circunstâncias que não eram comunicáveis, a não ser, talvez, através de um violão, e com certeza eram complexas demais para meu espanhol,

e talvez até mesmo para a linguagem em geral. Conta pra mim, ela pediu, e voltou a fazer aquela coisa com os meus cabelos, e eu achei que, a essa altura, ela devia ter notado meu rosto molhado, então, chocado com minhas próprias palavras, eu disse: *minha mãe morreu*.

Coitado, coitadinho, Teresa disse, abraçando-me, e eu pousei a cabeça no ombro dela, esforçando-me para tocar sua pele com meu rosto molhado. A pele dela estava muito quente. No começo, senti satisfação pela minha atuação e excitação pelo contato com seu corpo, que logo deram lugar a uma sensação de constrangimento quando comecei a pensar na minha mãe, em como ela se sentiria se soubesse o que eu tinha feito, enquanto o nojo de mim mesmo se transformava no temor de que essa mentira, de alguma forma, pudesse surtir efeitos materiais, pudesse matá-la ou pelo menos que, quando algo acontecesse de verdade à minha mãe, e mais cedo ou mais tarde tinha de acontecer, eu me sentiria em parte responsável, como se o que quer que ela tivesse sofrido pudesse ser atribuível a esse exato momento, o momento em que eu havia trocado a vida dela pela compaixão de uma estranha atraente. Comecei a chorar, com meus braços em volta de Teresa, dessa vez com lágrimas de verdade pingando ao longo de suas costas enquanto ela me sussurrava palavras de conforto, talvez finalmente acreditando na minha história. Quando minhas lágrimas acabaram, ficamos sentados juntos, em silêncio, contemplando o declive. Ela acendeu um cigarro, passou-o para mim e começou a falar.

Descreveu a morte do pai quando ela era criança, ou talvez como a morte do pai a fazia sentir-se como uma criança cada vez que pensava nela. Ele tinha morrido jovem, mas agora lhe parecia velho, ou ele era velho quando morreu, mas nas lembranças dela se fazia jovem

de novo. Começou a citar os clichês que tivera de aturar: com o tempo, tudo passa, agora ele está num lugar melhor, ou talvez fosse ela mesma a oferecer para mim, sem ironia, esses clichês. Começou a contar como Arturo tinha reagido – disso, deduzi que eles eram irmãos –, como ela havia descrito o paraíso para Arturo, explicando-lhe que o paizinho estava no céu, e portanto concluí que Arturo era o caçula. O pai deles tinha sido um famoso pintor ou um colecionador de quadros, e ela se tornara pintora para impressioná-lo ou tinha desistido de pintar porque não aguentava a pressão do exemplo dele ou porque ele era um idiota, mas a essa altura eu estava basicamente chutando. Apenas sabia que era algo que tinha a ver com a pintura e que era um episódio mencionado com amargura ou remorso. Depois, sem nenhuma continuidade, ou com uma continuidade que não captei, começou a contar sobre suas viagens pela Europa, e depois a ouvi mencionar as palavras Nova Iorque e faculdade. Em seguida, ela fez uma pausa e, no momento em que parou de falar, prendi a respiração porque tinha entendido o que estava prestes a acontecer.

Em inglês fluente, ela me contou sobre a noite em que foi sozinha a um cinema no Village, um filme entediante, ela nem sequer se lembrava do título, mas, quando saiu do cinema e ainda estava decidindo se ia pegar o metrô ou um táxi para casa, a realidade cruel da morte do pai – já fazia um ano – precipitou-se sobre ela pela primeira vez e, de repente, começou a chorar, achou um telefone público, ligou para a mãe e chorou muito até o cartão acabar; então foi para uma banca de revistas, comprou mais um, voltou para o telefone público, ligou para a mãe de novo e chorou até o segundo cartão também acabar. Ela disse que frequentemente se perguntava se aquele

telefone público ainda existia, agora que todo mundo usa celular, depois olhou para mim sorrindo e disse que, assim que eu voltasse para Nova Iorque, poderia procurá-lo e, se ele ainda estivesse lá, eu poderia comprar um cartão telefônico, ligar para ela, e nós poderíamos chorar juntos pela minha mãe.